

AQUISIÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ANÁLISE DE DADOS DE PRODUÇÃO E IMITAÇÃO ELICIADA.

ROZA, Angela da¹
CASAGRANDE, Sabrina²

RESUMO: Um olhar para os dados do Português Brasileiro (PB) mostra que, ao lado da concordância nominal de número padrão, representada pela presença da marca de plural em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal (SN) (Os coelhos estão pintando os ovos de páscoa), a chamada concordância redundante, no PB também temos a concordância não redundante, quando a marcação de plural não aparece em todos os itens do SN (As formiga tão levando as folha). Scherre (1994) sinaliza que esta variação não está restrita a uma região ou classe social, sendo característica de toda a comunidade de fala brasileira. Por esse motivo é que os mais diversos estudos têm se concentrado em buscar os fatores condicionadores que levam ao emprego da marcação redundante e não redundante (SILVA 2011; SCHERRE, 1994; SCHERRE e NARO, 1998). Diante deste cenário, o objetivo deste trabalho é levantar questões relacionadas à aquisição da concordância nominal de número no PB, observando quais as variantes que as crianças usam e quais os fatores linguísticos condicionadores da variação, nos dados infantis, comparando-se com os dados adultos. Para isso, foram coletados dados de produção e imitação eliciada junto a dezenove crianças entre quatro e cinco anos de idade. Os resultados mostram que as crianças ainda empregam, de modo bastante significativo, a marcação redundante e que os aspectos que mais influenciam na variação entre a marcação redundante e não redundante, nos dados adultos, também aparecem nos dados infantis: com maior ênfase à saliência fônica e à posição do elemento do SN.

PALAVRAS-CHAVE: *Aquisição da linguagem. Concordância de número no sintagma nominal. Português Brasileiro.*

RESUMEN: Echando un vistazo a los datos del Portugués Brasileño (PB) percibimos que, juntamente con la concordancia nominal del número predeterminado, presentada por la presencia de la marca de plural en todos los elementos desviables del sintagma nominal (SN) (Los conejitos están coloreando los huevos de Pascua), la llamada concordancia redundante, en el PB también tenemos la concordancia no redundante, cuando la marcación del plural no aparece en todos los ítenes del SN (Las hormigas están llevando las hojas). Scherre (1994) señala que esta variación es característica de toda la comunidad de habla brasileña. Por esta razón es que varios estudios se han centrado en la búsqueda de factores condicionadores que conducen a la utilización de línea redundante y no redundante (SILVA, 2011; SCHERRE, 1994; SCHERRE y NARO, 1998). Delante de ese escenario, el objetivo de ese trabajo es levantar cuestiones relacionadas a la adquisición de la concordancia nominal de número en el PB, observando cuáles las variantes los niños utilizan y cuáles los factores condicionadores de esa variación, en los datos de los niños, en comparación con los datos de adultos. Para ello, fueron recolectados datos de

¹ Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza/PR*.

² Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza/PR* e orientadora deste Trabalho.

producción e imitación estimulada junto a veinte niños entre cuatro y cinco años de edad. Los resultados muestran que los niños aún emplean, de modo significativo, la marcación redundante y que los aspectos que más influyen en la variación en los datos de los adultos, también aparecen en los datos infantiles: la saliencia fónica y la posición del elemento en el SN.

PALABRAS-CLAVE: *Adquisición del lenguaje. Concordancia de número en el sintagma nominal. Portugués Brasileño.*

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é levantar questões relacionadas à aquisição do Português Brasileiro (PB), a partir de dados coletados junto a crianças de faixa etária entre 4 e 5 anos de idade. Mais especificamente, estes dados dizem respeito à aquisição da concordância de número no sintagma nominal (CNSN), com o intuito de verificar como as variantes relacionadas ao fenômeno em tela aparecem neste processo e quais os fatores linguísticos condicionadores.

Estudos, como o de Lemos (2010), apontam que a ausência de marca de plural nos elementos flexionáveis do sintagma nominal, como no exemplo (1), em oposição ao exemplo (2), tem ganhado espaço entre os falantes do Português Brasileiro.

(1) As formiga tão levando as folha

(2) Os coelhinhos estão pintando os ovos de páscoa

Estes estudos também expõem que o uso da marcação não redundante de plural (exemplo (1)) é corriqueiro e mais característico da oralidade e que, “longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira” (SCHERRE, 1994, p. 2).

Scherre (1994), Scherre e Naro (1998), Silva (2011), entre outros, têm se concentrado em buscar “científica e empiricamente os fatores condicionadores que levam à perda de marca de concordância nos elementos flexionáveis do SN” (SILVA, 2011, p.1). Com base nestes fatores condicionadores já observados (saliência fônica, classe gramatical, posição dos elementos no sintagma e posição dos sintagmas nas sentenças), buscaremos verificar como eles estão presentes no processo de aquisição da CNSN, através da realização de experimentos de produção e imitação eliciada com 19 crianças entre 4 e 5 anos de idade e 10 adultos.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2 apresentaremos a abordagem de aquisição da linguagem que embasa esta pesquisa. Já na seção 3, apresentaremos as pesquisas que analisaram o fenômeno da CNSN, na gramática do PB e na aquisição desta língua. A seção 4 apresenta a metodologia detalhada da pesquisa, a seção 5, os resultados, e a seção 6 encerra a discussão.

2. A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM³

Desde há muitos anos, vários estudiosos se propõem a desvendar qual é o mistério envolvido no processo de aquisição da linguagem pela criança, que faz com que ela, aproximadamente aos cinco anos de idade e sem instrução explícita, tenha praticamente adquirida toda a complexidade de uma língua.

Além do fato de se tratar de um processo com uma razoável rapidez, há outros aspectos importantes que precisamos levar em consideração para o seu melhor entendimento: a universalidade e a uniformidade do processo. A universalidade diz respeito ao fato de que todas as crianças, adquirindo qualquer que seja a língua, passam pelo mesmo processo de desenvolvimento e apropriação da linguagem, e a uniformidade se refere ao fato de que, mesmo em uma mesma comunidade em que estejam as crianças sendo expostas a diferentes variedades de língua, tendo experiências linguísticas distintas, elas vão acabar adquirindo a mesma língua.

Para além da rapidez, da uniformidade e da universalidade que envolvem a aquisição de uma língua materna, outra questão interessante a saber é “como a criança sabe princípios que regem a sua língua se eles não lhe foram ensinados formalmente e se não estão à disposição nos dados aos quais ela tem acesso?” (GROLLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014, p.70). Estamos aqui falando do chamado Problema de Platão ou Problema Lógico da Aquisição. Poderíamos pensar que os dados que a criança ouve já seriam suficientes para mostrar para ela propriedades sobre a sua língua, mas o *input* tem suas restrições: é pobre, degenerado e desordenado. É pobre, no sentido de não ser completo; é degenerado, por conter inúmeras imperfeições, oriundas do ato da fala, como pausa, interrupção de ideias, etc; é desordenado, por não apresentar informações em uma ordem, sem seguir uma sequência de nível fácil para níveis mais difíceis de dados, como

³ Para uma discussão mais aprofundada sobre a aquisição da linguagem na teoria gerativa, consultar Grolla e Figueiredo Silva (2014).

acontece com o ensino de uma língua estrangeira. Além disso, o *input* não fornece informações sobre o que não é possível na língua: a chamada evidência negativa (“isso não pode na língua”).

Por exemplo, não há nada no *input* que diga que, nas sentenças abaixo, no primeiro caso “ele” pode ser outra pessoa ou “João” e, no segundo, não pode, de jeito nenhum, ser “João”:

(3) O João disse que **ele** viajou no feriado

(4) **Ele** disse que o João viajou no feriado

Exemplos extraídos de Grolla e Figueiredo Silva, *op.cit.* p. 83)

Para uma abordagem como a gerativista, o que explica todos esses aspectos relativos ao conhecimento que a criança tem sobre a linguagem e os aspectos que envolvem o processo de aquisição (sua rapidez, sua uniformidade, sua universalidade), é o fato de que toda criança nasce com uma capacidade para adquirir uma língua, um mecanismo inato, genético, que está presente em todos os seres humanos, e que os torna capazes de adquirir uma língua, e produzir sentenças completas ou novas, jamais ouvidas anteriormente. Sendo assim, para essa teoria, a linguagem é uma capacidade biológica e a linguística é considerada uma ciência cognitiva..

Essa capacidade mencionada é, para essa linha de pensamento, traduzida por um órgão mental-biológico chamado de Gramática Universal (GU), que, por hipótese, constitui o estágio inicial da faculdade da linguagem, e guia o processo de aquisição da língua materna. A GU é composta por Princípios e Parâmetros que regem o processo de aquisição. Os princípios são as regras gerais para todas as línguas e os parâmetros são o espaço da variação, o que explica a diversidade entre as línguas. No processo de aquisição, segundo Quadros (2008), a criança atinge o estado estável quando todos os parâmetros estão fixados e isso explica como uma criança exposta a tão poucos dados no seu ambiente, consegue desenvolver um sistema tão complexo em tão pouco tempo.

Porém, para que de fato a apropriação da língua se efetive, não basta que os seres humanos sejam dotados dessa capacidade inata, que os permite estar preparados para adquirir uma gramática de uma determinada língua. Para além disso, nessa perspectiva, as crianças necessitam ser expostas a um *input* que lhes proporcione dados para que sejam acionados os mecanismos cognitivos dos quais dispõem em sua mente/cérebro. “Portanto, uma coisa é certa: o

input é necessário para pôr em marcha o processo de aquisição de uma língua”⁴ (GROLLA e FIGUEIREDO SILVA, *op. cit.*, p.81).

3. A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL

3.1. Análises já realizadas em PB

Levando em conta a realidade sociolinguística do PB, este trabalho tem como foco a discussão da variação no uso da CNSN, com o intuito de verificar como essa variação se dá no processo de aquisição da linguagem.

No PB atual, ao lado do que é chamado de marcação redundante, como temos em (1), em que todos os elementos flexionáveis do SN tem a marca de plural, temos a chamada marcação não redundante, quando esta marcação não aparece em todos os elementos, como temos em (2) e (3) (dados de Lemos (2010, p.48)):

(1) *Todos os animais* não falam.

(2) *Todos os meus cachorro*Ø eu mandei para o interior.

(3) *Meus amigo*Ø é tudo por fora.

Muitos pesquisadores se dedicaram a descrever e explicar este fenômeno no PB. Scherre (1994) aponta que esse uso da marcação não redundante de plural (exemplos (2) e (3)) é corriqueiro e mais característico da oralidade. Segundo ela, o fenômeno da variação na CNSN no português brasileiro,

longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que

⁴ Torna-se fundamental que este contato com os dados da fala ambiente, a exposição ao *input*, seja oportunizado em um período determinado, que é o período inicial de vida, o denominado período crítico, que é usualmente definido como “o tempo durante o qual um dado comportamento é especialmente suscetível a influências ambientais específicas – e de fato as requer – para se desenvolver normalmente” (PURVES et al. (2005, p. 521) *apud* ROSA (2008, p.91)). O período crítico é definido como o momento entre o nascimento da criança e a puberdade. Se a criança é exposta a uma língua fora desse período, pode ter problemas para adquirir, com naturalidade, sua língua materna, conforme mostram estudos com as chamadas “crianças selvagens” (ROSA, 2010) e com crianças surdas que são expostas a língua de sinais tardiamente (SINGLETON e NEWPORT (2004) *apud* PIZZIO e QUADROS (2011))

de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marca de plural e não aos contextos linguísticos nos quais a variação ocorre (Scherre, 1994, p.2).

O que se percebe com relação a essa variedade é que, em muitas situações, a variante não redundante é “julgada pela tradição e pelos falantes como índice de não saber falar português” (ZUCHELLI, 2014, p.8). Porém, cada vez mais estudos têm caracterizado essa variação com um fenômeno inerente, ou seja, algo que está definitivamente internalizado na gramática dos falantes do PB. Segundo Scherre (*op.cit.*), “o fenômeno da variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação lingüística inerente, tendo em vista que ocorre em contextos lingüísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis”.

E essas “tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis” envolvem tanto aspectos linguísticos como extralingüísticos, os chamados fatores condicionadores. Desse modo, o que tem se buscado cada vez mais é apresentar “científica e empiricamente os fatores condicionadores que levam à perda de marca de concordância nos elementos flexionáveis do SN” (SILVA, 2011, p.1).

No que se refere aos aspectos linguísticos, encontramos, nas pesquisas realizadas por Scherre & Naro (1998), Scherre (1994), Silva (2011) e Brandão (2011), uma série de fatores que parecem ter influência sobre a marcação de número no SN: saliência fônica; número de sílabas; tonicidade; classe gramatical dos elementos flexionáveis; posição dos elementos dentro do SN; função sintática do SN e paralelismo lingüístico. Já no âmbito dos aspectos sociais condicionadores à marcação, nota-se a menção a escolaridade, faixa etária, sexo, classe social, época e regionalidade, relativas aos falantes do PB.

Para a análise de dados desse artigo, optou-se, dentre os elementos condicionadores mencionados acima (lingüísticos e extralingüísticos), apenas por observar os fatores linguísticos, tendo em vista que nosso foco, como já sinalizado, se volta para a verificação de como essa variação inerente ao PB se dá no processo de aquisição da linguagem. Estamos adotando uma abordagem racionalista/gerativista para a explicação deste processo e esta abordagem leva em conta, para a marcação dos parâmetros, aspectos linguísticos do *input*, não se preocupando com fatores extralingüísticos.

Dando sequência à discussão, sinalizamos que os elementos linguísticos que serão levados em conta para análise são: saliência fônica, classe gramatical, posição do elemento no sintagma e função sintática desempenhada pelo sintagma nominal, tendo em vista que tais fatores são os que mais se destacam na influência da CNSN, nos estudos analisados. Primeiramente, discutiremos a interferência da saliência fônica na marcação de plural no SN, sendo que esta é medida pela diferença ou semelhança entre a forma de singular e a forma de plural.

Analisando dados dos trabalhos de Scherre sobre CNSN no PB, Cardoso e Cobucci (2014, p. 90) afirmam que “há menos concordância no sintagma nominal quando a diferença entre a forma singular e a forma plural da palavra é menos perceptível [...] e há mais marcas de plural quando a diferença entre a forma singular e a forma plural for mais perceptível”.

Vamos observar a tabela abaixo⁵:

<u>Plural duplo</u> novo – novos
-l - -is casal – casais
-ão - -ões anão - anões
-r - -es cor - cores
-s/-z - -es país – países feliz- felizes
<u>Plural regular de base oxítona</u> café - cafés
<u>Plural regular de base proparoxítona</u> médico - médicos
<u>Plural regular de base paroxítona</u> casa - casas

Tabela 1 (CARDOSO E COBUCCI, 2014, 89): Hierarquia de saliência fônica do núcleo do sintagma nominal

Analisando dados do PB, Silva (2011), Scherre (1998), Scherre e Naro (1998) e Brandão (2011), os quais fazem menção à essa evidência de favorecimento da marcação de plural em dados com maior saliência fônica, encontramos dados que mostram que quanto maior o grau de saliência fônica, ou seja, quanto mais alto estão os SNs na hierarquia de saliência, maior a probabilidade de marcação redundante.

⁵ Na tabela, a saliência fônica vai diminuindo do mais acima em direção ao mais abaixo.

Scherre & Naro (1998, p.7), ratificando tal ideia, dizem que “de forma geral, todos os itens mais salientes favorecem mais a presença de marcas explícitas nos elementos nominais dos SNs”. Nos dados, as formas “ovo/ovos” ocupam o topo da saliência e sintagmas nominais plurais, envolvendo esse tipo de nome, apresentam 88% de marcação redundante, enquanto em forma como “verde/verdes”, que ocupam o menor grau na tabela de saliência, apresentam apenas 54% de marcação redundante.

Um segundo elemento condicionador, também discutido por Schere (1994) e Silva (2011), é a classe gramatical dos elementos que compõem o SN. Neste caso, a classe de palavra dos elementos do SN estaria relacionada à maior ou menor marcação redundante. As análises dos dados de Scherre (1994) e Silva (2011) mostram que este elemento condicionador é um fator insuficiente para explicar a variação na concordância por si só. Scherre (1994), apresentou em sua análise que “não é apenas [...] a classe gramatical isoladamente que dá conta da variação na concordância de número”, mas sim a interrelação de diversas variáveis, “bem como a relação que se estabelece entre os determinantes e o núcleo do SN” (Scherre, 1994, p.4).

Nos dados de Silva (2011), essa variável apresentou tendência à marcação redundante, quando o elemento observado era pronome possessivo e pronome indefinido. No entanto, o autor sinaliza que não é a classe em si que determina essa tendência, mas a classe em associação com a posição do elemento dentro do sintagma.

Sendo assim, não poderíamos deixar de mencionar um terceiro fator condicionador que é posição dos elementos no sintagma nominal. Segundo Silva (2011, p.10), essa variável “é a que apresenta maior relevância para a aplicação do fenômeno da concordância nominal”. A análise de seus dados apresenta claramente a oposição entre os elementos antepostos ao núcleo, favorecendo a marcação redundante e os elementos nucleares e pospostos ao núcleo favorecendo a marcação não redundante.

Seus resultados levam à conclusão de que “o primeiro elemento flexionável do sintagma é categoricamente marcado [...] em oposição às demais posições do sintagma que sofrem variação” (SILVA, 2011, p.11). Os dados de Scherre (1994, p.5) corroboram este resultado: elementos antepostos ao núcleo, em média, recebem marcação de plural em 97% dos casos, enquanto os pospostos marcam plural, em média, em apenas 52%.

Para finalizar, consideramos a variável função sintática, que ao contrário do item anterior, que avalia a posição dos elementos dentro do sintagma, verificando se há diferença de

marcação em função da posição que eles ocupam dentro do SN, verifica a função sintática que o sintagma nominal desempenha e se esta função sintática pode influenciar a marcação redundante ou não redundante.

Considerando que o PB apresenta uma ordem relativamente fixa - sujeito, verbo, objeto - as investigações feitas observaram a marcação de número nos SNs à direita e à esquerda do verbo. Segundo a análise de dados realizada por Scherre (1994), os elementos à esquerda da oração recebem mais marca explícita de plural do que os elementos à direita da oração, 63% e 49% respectivamente. Com esses resultados, Scherre (1994, p.6) levanta a hipótese “de que essa influência possa ser interpretada à luz da proeminência da posição de tópico, a posição à esquerda”, associando os dados à possibilidade de maior emprego de concordância nos elementos que estão em posição de tópico à esquerda.

Como vimos, então, temos quatro aspectos linguísticos que influenciam a variável a ser empregada pelo falante. Na análise dos dados desta pesquisa, verificaremos como esses aspectos estão presentes na gramática da criança de 4-5 anos de idade.

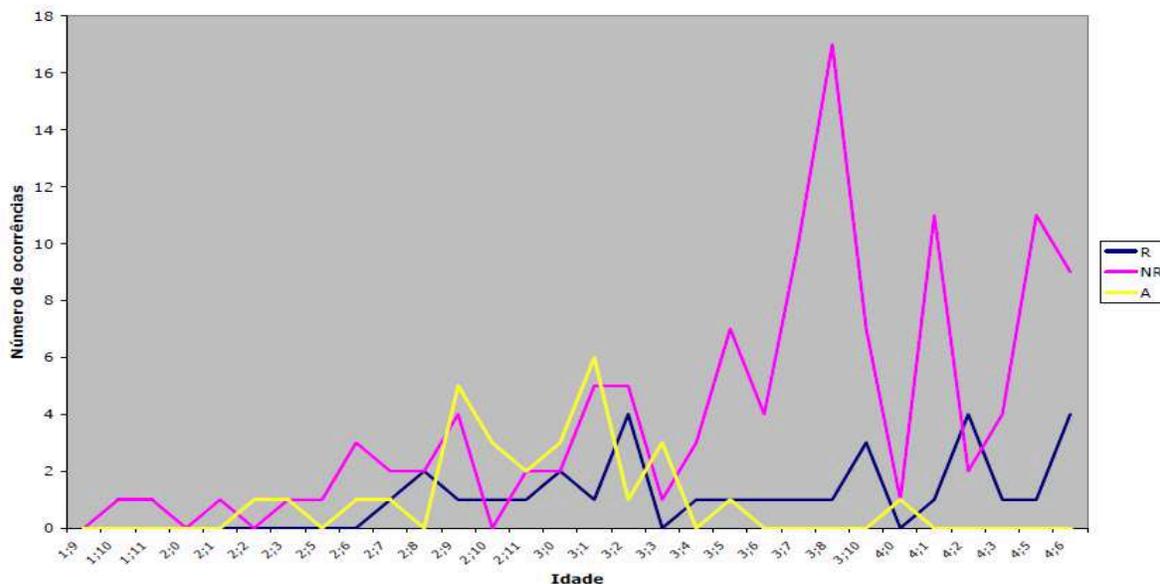
3.2. Aquisição da concordância de número no sintagma nominal

Antes de partirmos para a análise dos dados de aquisição desta pesquisa, vamos observar alguns dados de aquisição da CNSN. Simioni (2007) analisou dados longitudinais de produção espontânea de três crianças adquirindo o PB. De uma delas, a autora apresenta dados quantitativos que podem nos auxiliar a verificar como é o caminho de aquisição deste fenômeno sintático até chegar à faixa etária analisada nesta pesquisa (dos 4 aos 5 anos), uma vez que a análise mostra o caminho de aquisição desde 1;8 até 4;6, conforme podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 1 (SIMIONI, 2007, p. 117): Padrões de concordância nos dados de E. por idade - sem “os olhos”^{6 7}

⁶ A autora destaca que o sintagma nominal plural “os olhos” ocorreu 13 vezes. Logo, as ocorrências foram retiradas dos dados para não distorcê-los.

⁷ No gráfico, **A** significa os números de sintagmas nominais plurais agramaticais, **NR** o número de marcação não redundante e **R** o número de marcação redundante.



Como se pode ver, nos dados apresentados, a criança começa com o emprego da marcação não redundante, com 1;10. Em seguida, aos 2;2, ela começa a produzir formas agramaticais⁸ e, só mais tarde, as formas redundantes passam a fazer parte da gramática de E., aos 2;6. Aos 3;1, há o pico do emprego da marcação agramatical, que depois vai se dissipando, até desaparecer aos 4;2. Também depois dos 3;1, as formas não redundantes são sempre maiores que as formas redundantes o que, segundo a autora, sinalizam para uma estabilização do padrão não redundante: “há um uso mais elevado de formas não redundantes, que consistiriam na gramática nuclear de E., e as formas redundantes podem ser consideradas parte da gramática periférica” (SIMIONI, 2007, p. 117).

Um outro aspecto interessante do gráfico é que, aos 4;5 inicia-se o aumento das formas redundantes e a concomitante diminuição das formas não redundantes. Segundo Simioni, este período coincide com o início do processo de alfabetização de E., o que poderia explicar os dados. A autora traz uma análise de Simões (2005, 2006) que mostra que, em período pré-

⁸ Formas agramaticais são aquelas que não são encontradas entre os falantes adultos. Um exemplo de forma agramatical é “a folhas” que, como veremos, aparece nos dados coletados.

alfabetização, a marcação redundante ocorre em 44,3% dos dados, enquanto que no período pós-alfabetização, ela passa a 57% dos dados. Segundo Simioni (2007, p. 118-119), “a previsão é que, com o avanço do processo de alfabetização de E., os dois padrões de aproximem em frequência ou mesmo haja um cruzamento e posterior inversão de frequências”⁹.

Importante destacar, para finalizar esta seção, que os dados de Simioni são dados de produção espontânea, portanto, os dados desta pesquisa complementam os dados de Simioni e apresentam dados eliciados sobre a aquisição da CNSN num período a partir do qual as crianças começam a ser alfabetizadas. Sendo assim, estes dados, posteriormente, podem ser comparados a dados de aprendizagem.

4. METODOLOGIA¹⁰

Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados junto a 19 crianças¹¹ de 4 a 5 anos de idade de classe média, estudantes de uma escola particular do município de Francisco Beltrão – Sudoeste do Paraná, bem como, com 10 adultos falantes do PB, de distintos níveis de escolaridade e classe econômica, também moradores do município de Francisco Beltrão (estes últimos constituíram o grupo de controle). A coleta foi realizada a partir da aplicação de experimentos de produção e imitação eliciada, a partir dos quais é possível controlar elementos específicos do fenômeno analisado, diferentemente do que ocorre com dados de produção espontânea.

A aplicação dos experimentos gerou uma amostra total, nos dois experimentos, de 126 sintagmas nominais plurais nos dados das crianças e 79 nos dados dos adultos. No experimento de produção eliciada, 79 SNs plurais estavam nos dados das crianças e 40, nos dados dos adultos. Já no experimento de imitação os dados foram de 47 e 39, respectivamente.

Na tarefa de produção eliciada, formulamos um contexto em as crianças, a partir de uma produção de slides com diversas imagens, deveriam dizer o que estavam vendo. O contexto era o

⁹ Dados de Sinhorin (2014), que analisou a CNSN em dados de produção espontânea de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, esta previsão de Simioni para E., quando estendida para o processo de forma geral, não se confirma. Ele mostra que, nos dados analisados, 63% eram de marcação não redundante e 37 eram de marcação redundante, um número um pouco distante daquele apresentado por Simões, por exemplo.

¹⁰ Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS e aprovado em 15 de fevereiro de 2015, sob o parecer número 955.046.

¹¹ A previsão era que 20 crianças participassem da coleta de dados, no entanto, uma delas ficou envergonhada e não quis participar dos experimentos.

seguinte: individualmente as crianças eram convidadas a participar da brincadeira proposta, na qual deveriam verbalizar o que estavam visualizando nas imagens a partir da seguinte pergunta: “O que está acontecendo aqui?”. As respostas das imagens correspondiam a sentenças com sintagmas nominais plurais^{12 13}.

Já no ambiente da tarefa de imitação, as crianças foram familiarizadas com um fantoche, que seria um novo amiguinho que estaria pela escola durante alguns dias. Porém, como o novo colega não conhecia o ambiente escolar, tampouco as atividades que desenvolviam as crianças durante o período em que estavam ali, os alunos deveriam repassar algumas informações consideradas importantes para uma boa adaptação do “novo amiguinho” nesse novo ambiente. Então desenvolvia-se com a criança primeiramente uma conversa e posteriormente solicitava-se que a criança ouvisse com atenção uma informação para, posteriormente, passar ao amiguinho novo¹⁴. A informação que deveria ser repetida era a seguinte: “Amigo, você não pode esquecer de trazer os seus brinquedos todas as sextas-feiras para dividir com os colegas, não traga seus brinquedos novos, apenas os velhos, pois eles podem acabar estragando”.

Em ambos os casos de tarefas, os ambientes foram pensados e os testes desenvolvidos com muita naturalidade, uma vez que as crianças entenderam as atividades como uma brincadeira, uma situação rotineira da escola. Após a coleta de dados, as produções das crianças foram transcritas, analisadas e classificadas de acordo com cada fenômeno linguístico, assim como os dados dos adultos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, vamos apresentar os resultados obtidos com crianças e adultos, a partir da metodologia descrita na seção anterior. Apresentaremos os resultados para cada um dos itens em avaliação, conforme apresentados na seção 3.

Primeiramente, nossa observação dos dados se deteve em analisar, de forma geral, o emprego da marcação redundante e não redundante nos sintagmas apresentados tanto pelas

¹² Importante destacar que, além das imagens-teste, a experimento também foi constituído de imagens para o período de familiarização, que permitiram perceber se a criança entendia a tarefa, bem como por imagens distratoras, que desviavam a criança do fenômeno investigado.

¹³ Todas as imagens testadas estão disponíveis nos anexos.

¹⁴ Assim como no experimento de produção, também aqui houve período de familiarização do teste. Antes de repetir a informação dada, as crianças eram orientadas a repetirem sentenças de treinamento, não relevantes para o teste. Então, somente quando sentia que a criança estava pronta, é que o experimentador iniciava o teste.

crianças, quanto pelos adultos, em ambos os experimentos, de produção e imitação eliciada. Vejamos a tabela abaixo:

GERAL REDUNDANTE E NÃO REDUNDANTE		
DADOS DE PRODUÇÃO ELICIADA		
	ADULTOS	CRIANÇAS
REDUNDANTE	21/ 52,5%	50/ 63,3%
NÃO REDUNDANTE	19/ 47,5%	29/ 36,7%
DADOS DE IMITAÇÃO ELICIADA		
	ADULTOS	CRIANÇAS
REDUNDANTE	35/ 89,74%	28/ 59,57%
NÃO REDUNDANTE	4/ 10,25%	19/ 40,42%

Tabela 2: Percentual de marcação redundante e não redundante, nos dados de adultos e crianças, nos experimentos de produção e imitação eliciada

Pode-se perceber, quanto aos dados de produção eliciada, que as crianças apresentam maior percentual de marcação redundante que os adultos; um dado, no mínimo, intrigante. Por outro lado, nos dados de imitação eliciada, as crianças apresentaram porcentagens próximas aos dados adultos de produção. Já os adultos apresentaram porcentagens predominantes de marcação redundante.

A respeito dessas distinções exibidas em ambos os experimentos, consideramos como hipótese justificadora o fato de que os adultos perceberam e reagiram de maneira mais policiada ao teste de imitação, na busca por reproduzir exatamente o que lhes fora proposto pelo experimentador, em termos da forma das sentenças, o que já era esperado, de certa forma. Enquanto isso, as crianças se preocuparam em repetir o conteúdo da informação dada e não a forma, o que possibilitou exibir de maneira mais perceptível sua gramática, em que, como se pode ver, estão presentes as duas possibilidades de marcação.

Grolla e Figueiredo Silva (2014), discutindo as metodologias de coleta de dados de aquisição, mostraram que os testes de produção e imitação eliciada são importantes porque conseguem capturar exatamente o fenômeno em questão, diferentemente das coletas de produção espontânea. Ainda destacam, com relação aos testes de imitação, que as reanálises que as crianças fazem para repetir a informação dada “podem trazer evidências sobre que tipo de conhecimento elas possuem com relação à estrutura em foco” (GROLLA E FIGUEIREDO SILVA, *op.cit.*, p. 112), corroborando nossa análise, feita no parágrafo anterior.

Ainda sobre os dados gerais, gostaríamos de destacar a relação destes dados com a análise da criança E. feita por Simioni (2007). Conforme vimos na seção 3.2, com 4;6, os dados

mostram um aumento nos dados redundantes e uma diminuição dos dados não redundantes, momento que coincidia com o início do processo de alfabetização da criança analisada. Segundo a autora, a continuar seguindo este ritmo, os dados de E. se cruzariam, com os dados redundantes ultrapassando os dados não redundantes. Observando os dados da tabela 2 acima, podemos ver que este cruzamento já ocorreu: somando-se os resultados dos dados de imitação e produção, podemos ver um total de 62% de marcação redundante e 38% de marcação não redundante. Este resultado, talvez, possa ser explicado pela diferença na metodologia de coleta de dados; como os dados daqui focaram no fenômeno analisado, diferentemente dos dados de produção espontânea, talvez isso tenha possibilitado olhar para o fenômeno de forma mais aprofundada¹⁵.

Seguindo com a análise, apresentamos os resultados referentes à saliência fônica. Conforme já destacado por Silva (2011), Scherre (1998), Scherre e Naro (1998) e Brandão (2011), este é um dos condicionadores linguísticos que mais influência tem no emprego da CNSN.

SALIÊNCIA FÔNICA				
DADOS DE PRODUÇÃO ELICIADA				
	SALIENTES		NÃO SALIENTES	
ADULTOS	RE	6/ 100%	RE	15/ 45,45%
	NRE		NRE	18/ 54,55%
CRIANÇAS	RE	16/ 100%	RE	33/ 53,22%
	NRE		NRE	29/ 46,73%
DADOS DE IMITAÇÃO ELICIADA				
	SALIENTES		NÃO SALIENTES	
ADULTOS	RE	10/ 100%	RE	25/ 86,20%
	NRE		NRE	4/ 13,79%
CRIANÇAS	RE	6/ 40%	RE	22/ 68,75%
	NRE	9/ 60%	NRE	10/ 31,25%

Tabela 3: Atuação da variável saliência fônica nos dados de adultos e crianças, nos experimentos de produção e imitação eliciada

Pode-se observar, nos dados de produção eliciada, que a marcação redundante foi empregada em 100% dos casos, quando os elementos envolvidos eram salientes, como já era esperado; a variação se deu entre os elementos não salientes. Com relação a estes, os resultados obtidos entre crianças e adultos estão próximos em termos de porcentagem, apesar de os adultos

¹⁵ Ainda, consideramos importante chamar a atenção para o fato de que houve, por parte de uma das crianças (com 4;6), a produção de SNs plurais de forma agramatical, como em “a folhas”. Nos dados de Simioni, essas ocorrências se findam aos 4;2. Consideramos que os dados aqui encontrados podem fazer parte ainda de um processo de adequação das formas das crianças às formas adultas, dada a complexidade do fenômeno em questão, com o destacaremos mais abaixo, na comparação com a aquisição de plurais de crianças chilenas.

produzirem mais dados não redundantes que redundantes, diferentemente das crianças que produziram mais marcação redundante que não redundante, seguindo o padrão já apresentado na tabela 2, que apresentou os dados gerais.

Na análise dos dados de imitação eliciada, percebemos que os adultos realizaram 100% de marcação redundante, entre os sintagmas com saliência fônica, o que também já era esperado, convergindo, então, os dados de produção e imitação dos adultos. Com relação aos dados não salientes, podemos ver que são deles as quatro ocorrências de marcação não redundante já apresentadas na tabela 2, mostrando a força da saliência fônica nos dados dos adultos.

Já com relação aos dados de imitação das crianças, eles apresentam resultados não esperados: das 15 ocorrências de SNs plurais salientes, 9 são não redundantes (60%). Antes de analisar que dados são esses, é importante perceber que foram esses dados que puxaram para baixo a diferença entre redundantes e não redundantes, na tabela 2 acima. Como se pode ver entre os dados de não salientes, temos quase 70% de marcação redundante, diferentemente dos quase 60% da tabela 2.

Voltando aos dados salientes, entre as crianças, vemos que eles se referem à ocorrência do substantivo “novo”, ocupante da primeira posição da tabela de saliência, com a maior diferença entre a forma singular, realizada com a vogal “o” fechada, e a forma de plural, realizada com a vogal aberta. Nos dados das crianças, tivemos os seguintes casos: “os novo”, “os brinquedo novo”, “os brinquedos novo”, produzidos com a vogal “o” fechada. Destes, o mais interessante são as duas ocorrências de “os brinquedos novo”, em que a marca de plural chega até no elemento imediatamente anterior ao adjetivo, mas não nele.

Mais surpreendente ainda foram os casos de “os novo” e “os brinquedo novo” realizados com a vogal “o” aberta e “os novos”, articulado com a vogal “o” fechada. Com relação a este último, a saliência não aparece mais, porém aparece a marca de plural no adjetivo “novo”, e sendo exibida a marcação, deveria aparecer a diferença na saliência. Com relação aos primeiros dados, as crianças sabem que há diferença de saliência, mas não empregaram a marca de plural em “novo”. Por fim, ainda tivemos um caso de “os novos”, com a vogal “o” fechada.

Não podemos afirmar que esses dados refutam a proposta da saliência fônica, mas sim que são casos importantes para análise e o que pode explicá-los é o fato de as crianças ainda não saberem ao certo como lidar com o plural dos elementos que são salientes. De forma geral, as crianças tendem a seguir em direção à gramática do adulto, a menos que se esteja estabelecendo

uma mudança na língua, o que não parece ser o caso. Sendo assim, o que se espera é que as crianças atinjam a gramática adulta, em algum momento.

Miler (2007) *apud* Simioni (2007, 114)) trabalhou com a aquisição de plural em duas variedades do espanhol: o chileno e o mexicano. Ela mostra que “as crianças adquirindo o espanhol chileno demoram mais para convergir na gramática adulta do que as crianças adquirindo o espanhol mexicano”. Segundo a autora, a representação de plural é uma só no espanhol mexicano, enquanto no chileno são três e isso explicaria o fato de que a convergência na gramática adulta é mais demorar pelas crianças chilenas, uma vez que, diferentemente das crianças mexicanas, as chilenas contam com um *input* variável.

Trouxemos esta discussão para cá porque talvez possamos explicar os dados das crianças, com o aspecto da saliência fônica, pelo fato de que, como o PB é uma língua que apresenta *input* variável, à semelhança do espanhol chileno, as crianças podem demorar um pouco mais para entender que, em alguns casos, para a marcação de plural, basta colocar um morfema “-s”, enquanto em outros casos, para além de algumas mudanças na apresentação do morfema de plural (como em “cor/cores”), temos também mudanças da ordem da fonologia, como em “novo/novos”.

O segundo condicionador que analisaremos é com relação à classe de palavra dos elementos que compõem o sintagma nominal e sua relação com a marcação de plural. A tabela 5 apresenta os dados:

CLASSE GRAMATICAL						
DADOS DE PRODUÇÃO ELICIADA						
		ARTIGO	NUMERAL	SUBSTANTIVO	QUANTIFICADOR	
ADULTOS	RE	35/ 100%	3/ 100%	21/ 52,5%	1	
	NRE			19/ 47,5%		
CRIANÇAS	RE	77/ 100%	2/ 100%	50/ 63,29%		
	NRE			29/ 36,70%		
DADOS DE IMITAÇÃO ELICIADA						
		ARTIGO	QUANTIFICADOR	PRONOMES	SUBSTANTIVOS	ADJETIVO
ADULTOS	RE	24/ 100%	7/ 100%	16/ 100%	27/ 87,09%	16/ 100%
	NRE				4/ 12,90%	
CRIANÇAS	RE	44/ 100%	2/ 100%	9/ 100%	25/ 67,56%	17/ 56,66%
	NRE				12/ 32,43%	13/ 43,33%

Tabela 4: Atuação da variável classe gramatical nos dados de adultos e crianças, nos experimentos de produção e imitação eliciada

Observando a tabela, podemos notar que, no que se refere à classe gramatical, artigos, numerais, quantificadores e pronomes são sempre empregados explicitamente com marcação de

plural, tanto nos dados de produção, como nos dados de imitação em sintagmas de crianças e adultos. A esse respeito, podemos salientar que essa exibição categórica dos dados pode estar relacionada também à posição desses vocábulos dentro do sintagma, uma vez que grande parte desses elementos foram empregados em primeira posição. Veremos logo em seguida os dados referentes à posição do elemento dentro do sintagma.

A variação, então, se deu na classe dos substantivos, no experimento de produção eliciada, e em substantivos e adjetivos, no experimento de imitação eliciada. Com relação aos substantivos, nos dados de produção, percebemos, comparando-se com os dados na tabela 2, que é ele que determina as porcentagens de variação entre formas redundantes e não redundantes (em adultos e crianças). Já no teste de imitação, a variação que figura entre os substantivos, nos dados das crianças, é bem próxima aos mesmos dados no teste de produção, o que sinaliza uma uniformidade nos dados de produção e imitação.

Destacamos que, diferentemente do teste de produção, no teste de imitação aparecem os adjetivos, entre os quais também aparece variação nos dados das crianças, mas não entre os adultos. A não variação entre os adultos, como já destacada acima, pode ser explicada pela natureza do teste de imitação. No entanto, é interessante destacar que, das 18 ocorrências de adjetivos, nos dados adultos, 62,5% são de elementos salientes e 37,5% de elementos não salientes. Já entre as crianças, das 13 ocorrências de marcação não redundante, 7 são os casos já sinalizados acima de elementos salientes e que não receberam a marcação redundante.

Como pudemos perceber, então, parece que a classe gramatical do elemento que compõem um sintagma nominal influencia na marcação do plural. No entanto, como já sinalizado na literatura, não é possível lidar com a classe gramatical sozinha, mas na interrelação com a posição dos elementos dentro do sintagma, o que veremos em seguida.

Com relação a essa variável, percebemos que os resultados evidenciaram o que os estudos de Scherre (1994) e Silva (2011) já apresentaram em suas análises, destacando a primeira posição como a mais marcada, e as demais com percentuais menores: quanto mais à direita, menos marcações explícitas.

Esses resultados estão refletidos na tabela abaixo:

POSIÇÃO DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA					
DADOS DE PRODUÇÃO ELICIADA					
		POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2		
ADULTOS	RE	39/ 100%	21/ 52,5%		
	NRE		19/ 47,5%		
CRIANÇAS	RE	79/ 100%	50/ 63,29%		
	NRE		29/ 36,70%		
DADOS DE IMITAÇÃO ELICIADA					
		POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2	POSIÇÃO 3	POSIÇÃO 4
ADULTOS	RE	39/ 100%	37/ 94,87%	15/ 88,23%	1/ 100%
	NRE		2/ 5,12%	2/ 11,76%	
CRIANÇAS	RE	47/ 100%	33/ 70,21%	15/ 57,69%	2/ 100%
	NRE		14/ 29,78%	11/ 42,30%	

Tabela 5: Atuação da variável posição dos elementos dentro do sintagma nos dados de adultos e crianças, nos experimentos de produção e imitação eliciada

Com base na tabela, o que podemos observar é que de fato a primeira posição favorece a marcação explícita, em ambos experimentos, uma vez que os dados apresentaram 100% de marcação redundante, tanto nos sintagmas das crianças como nos de adultos. Ao olharmos somente para os dados das crianças, notamos que esses não exibem grande distinções quando analisada a segunda posição, tanto nos dados de imitação quanto de produção.

Olhando somente para os dados de imitação, em que temos sintagmas de até 4 elementos, ou seja, até a quarta posição, o que podemos ver é uma diminuição da marcação redundante, tanto nos dados dos adultos quanto das crianças da primeira para a segunda posição e da segunda para a terceira posição, confirmando que elementos mais à direita tendem a ser menos marcados¹⁶.

Há ainda um outro aspecto a se considerar, observando os elementos em posições 2 e 3. Assim como na posição 1, na posição 2, pronomes e artigos receberam 100% de marcação redundante, enquanto substantivos e adjetivos variaram igualmente: aproximadamente 65% de redundantes e 35% de não redundantes. No entanto, se formos observar a terceira posição, veremos que adjetivos apareceram menos marcados que os substantivos (56% e 12,5% respectivamente), o que parece sinalizar que há uma interrelação entre posição do elemento dentro do sintagma e classe gramatical, conforme a literatura aqui citada já havia mencionado.

¹⁶ Quanto aos elementos em quarta posição, eles são adjetivos “novos”, com saliência fônica, e “velhos” sem saliência fônica.

Um quarto e último elemento condicionante avaliado foi quanto à posição do SN dentro da sentença: à esquerda ou à direita do verbo. A tabela abaixo apresenta os resultados obtidos por meio da análise dessa variável¹⁷:

POSIÇÃO DOS ELEMENTOS DENTRO DA SENTENÇA				
DADOS DE PRODUÇÃO ELICIADA				
	À ESQUERDA		À DIREITA	
ADULTOS	RE	7/46,7%	RE	10/62,5%
	NRE	8/ 53,3%	NRE	6/37,5%
CRIANÇAS	RE	25/ 65,79%	RE	9/ 39,13%
	NRE	13/ 34,21%	NRE	14/ 60,87%
DADOS DE IMITAÇÃO ELICIADA				
	À ESQUERDA		À DIREITA	
ADULTOS	RE	2/ 100%	RE	27/ 87,09%
	NRE		NRE	4/ 12,90%
CRIANÇAS	RE		RE	28/ 59, 57%
	NRE		NRE	19/ 40,42%

Tabela 6: Atuação da variável posição dos elementos dentro da sentença nos dados de adultos e crianças, nos experimentos de produção e imitação eliciada

Com relação aos dados apresentados acima, o que podemos observar é que temos dados para discutir a diferença de posição da sentença, nos dados de produção, mas não o temos nos dados de imitação. Sendo assim, ficaremos aqui sem a medida de comparação. Observando os dados de produção eliciada, então, notamos que as crianças apresentam maior número de casos de marcação explícita à esquerda do que os adultos (65,79% em dados das crianças e 31,25% nos dados dos adultos), enquanto à direita da sentença quem emprega mais a marcação redundante são os adultos, com 69,6%, em relação a 39,13% das crianças.

De acordo com os dados de Scherre (1994), como vimos, há favorecimento da marcação redundante nos sintagmas à esquerda da sentença. Os dados das crianças vão na direção dos dados de Scherre, mas os dos adultos não. Uma justificativa para essa diferença entre os dados de Scherre e os dados dos adultos, aqui analisados, pode ser a influência da metodologia de coleta de dados, uma vez que Scherre (1994) realiza sua pesquisa com base na coleta de dados de produção espontânea, diferentemente desta pesquisa. Uma outra hipótese é sobre o tempo de coleta dos dados uma vez que os dados da autora são da década de 1980, uma diferença de trinta anos com relação aos dados de Scherre. Se esta hipótese se confirmar, então, a diferença entre os

¹⁷ Retiramos dos dados desta tabela os sintagmas com saliência para não condicionar os dados.

dados dos adultos e das crianças pode se justificar pelo fato de que as crianças ainda atingirão a gramática adulta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos resultados obtidos nesse estudo, observa-se que as crianças atualmente adquirindo o PB ainda empregam, de modo bastante significativo, a marcação redundante, exibindo de forma clara a existência das duas possibilidades de marcação da regra de CNSN em sua gramática. Ainda sobre isso, pudemos verificar que os dados eliciados apresentados mostram a predominância das formas redundantes sobre as não redundantes; lembrando que, nos dados de Simioni, essa inversão das formas redundantes em relação às não redundantes ainda não tinha ocorrido.

Também observamos que os aspectos que mais influenciam na variação entre a marcação redundante e não redundante, nos dados adultos, também aparecem nos dados infantis: saliência fônica, posição dos elementos dentro do sintagma e, em associação com este, a classe gramatical dos elementos no SN.

No que se refere à variante saliência fônica, percebemos que é um fator muito importante para o emprego da regra de concordância. Nossos resultados corroboraram os estudos já realizados sobre o fenômeno, exibindo que quanto maior a distinção entre singular e plural, maior a possibilidade de marcação redundante. Com relação à posição dos elementos dentro do sintagma, nota-se que a marca de concordância se manifesta em maior número nos elementos em primeira posição, diminuindo nas demais posições. Ainda, com relação à classe gramatical dos elementos que compõem o SN, pudemos verificar que se revelou importante, especialmente associado com a posição dos elementos dentro do sintagma, como já mostravam os autores.

7. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, S.F. **Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências.** Veredas (UFJF. Online), v. 15, p. 164-178, 2011.

CARDOSO, C.R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In.: BORTONI-RICARDO *et.al.* (org.) **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014.

GROLLA, E; FIGUEIREDO SILVA, M.C. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

LEMOS, D. M. **A concordância de número no sintagma nominal na fala dos estudantes da Rede Pública de Ensino de Santo Antônio de Jesus-BA**. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, N° 4, t. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 2010, p. 28-37. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/038-51.pdf. Acesso em: 24/05/2015.

PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. **Aquisição da língua de sinais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

QUADROS, R.M.; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

ROSA, M.C. **Introdução à (Bio)Linguística: linguagem e mente**. São Paulo: Contexto, 2010

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil**. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)** - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SILVA, J.C.T. da. **Variação no processo concordância nominal: Estudo comparativo das décadas de 70 e 90**. Icarahy, v. 5, p. 19, 2011.

ZUCHELLI, S.T.S. **Prática para trabalhar em sala de aula com a concordância nominal de número**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS - Campus Realeza, 2014.